

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

Departamento de Letras, Artes e Cultura

Comunicação Social – Jornalismo

Memorial do livro-reportagem:

Onde está São João?

Danielle da Gama

Orientação: Alessandra de Falco

São João del-Rei-MG, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

Departamento de Letras, Artes e Cultura

Comunicação Social – Jornalismo

Memorial do livro-reportagem:

Onde está São João?

Danielle da Gama

Trabalho apresentado como referencial teórico-metodológico para Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFSJ. Orientação: Alessandra de Falco.

São João del-Rei-MG, 2015

AGRADECIMENTOS

Aos dez anos de idade eu tinha certeza de que, entre milhões de outras coisas que eu queria, eu desejava ser jornalista. À caneta esferográfica ou batendo à velha máquina de escrever que tinha ganho em meu sétimo Natal, “editei” e “publiquei”, em folhas de caderno escolar, o que eu intitulava na época de “Jornal da Mãe” – e que hoje chamaria de meu presunçoso exemplar de comunicação alternativa... Também nessa época um tanto solitária, uma das brincadeiras de que mais me lembro era a de imitar a âncora do telejornal.

Com o tempo esse sonho ficou longe. Uma imensidão de distância. Esqueci dele. Esqueci de mim. Algumas coisas ficaram engavetadas. Até que resolvi achar que tinha dez anos de novo e que eu era super-herói e podia fazer o que eu quisesse – erguer um prédio para salvar uma garotinha, prestar o vestibular para Jornalismo... Escolhi esta opção, que era mais fácil. Aliás, a síndrome de super-herói costuma rondar os desejos mais profundos de qualquer jornalista – queremos salvar o mundo, os fracos e oprimidos... Lembra de Clark Kent? Peter Parker? Bob Woodward e Carl Bernstein?

Agora que o sonho está chegando perto, me sinto um pouco mulher-aranha. Tecendo teias e construindo relações, venho buscando compreender o heroísmo que não é ideal, mas possível, e a poesia no que é simples e escondido. E para fazer este trabalho, tive de ler muito sobre a tendência de um “novo-novo-jornalismo” que está crescendo, atento a revelar o herói desconhecido em cada personagem do cotidiano. Este livro está cheio deles.

Por isso, nesse agradecimento vou abraçar, do meu jeito longe e sincero, a cada um dos heróis do meu dia-a-dia, que me salvaram das perigosas kriptonitas durante estes quatro anos de faculdade, em especial neste último, quando achei que meus poderes tinham se esgotado.

À mestre Alessandra, mulher-maravilha, orientadora do TCC e da Iniciação Científica, que em grande parte produzi sentada na rodoviária esperando o ônibus do trabalho. Por aguentar ler minhas mensagens desesperadas, por nos divertirmos juntas, por ter me visitado no Chile e por passar comigo um dos réveillons mais divertidos da minha vida (!!!). Por ter me inspirado e incentivado, vendo em mim coisas que talvez eu nunca tenha notado.

À Maria Catarina e Cecília, amigas inseparáveis, super-gêmeas, conselheiras, que cuidaram de mim e me ajudaram a prosseguir quando tudo me dizia não e quando estive cansada demais para voltar a lutar.

Aos amigos Felipe, Guilherme e Juliana, membros de minha Liga da Justiça. Que ouviam minhas previsões de futuro alarmantes, e que me ajudaram a passar melhor os tempos de crise.

Ao meu pai, um super-herói atrapalhado, um tanto Robin!, que sem ter realizado tanto de seus sonhos, no entanto e sempre, ainda acredita nos meus.

À minha família por tentar me ajudar, do jeito que fosse possível. Vocês são meus heróis da resistência.

E às pessoas que me ajudaram fornecendo pistas, endereços, ideias, sugestões, papelão para eu não sentar no chão, que me chamaram para a roda, que me aceitaram em suas casas, que me contaram suas histórias, que me fizeram rir, que me fizeram chorar, que me fizeram, como um antídoto para todo mal, sorrir ou acreditar um pouquinho mais. Nos meus percursos para baixo e para cima nesse planeta sanjoanense, muitas vezes me perdi e esses heróis, alguns que vão ser eternamente sem nome para mim, me ajudaram a me encontrar.

Agora, é para o alto e avante. Esse trabalho foi muito além da busca pela cidade. Ele foi uma busca pelas pessoas, heróis anônimos de todos os dias. Tentando responder onde é que está São João, achei muitas perguntas e outras respostas. Algumas levaram-me a encontrar a mim mesma.

RESUMO

Este memorial constitui a base teórico-metodológica para o livro-reportagem “Onde está São João?”. O livro, construído com imagens e textos, em formato e-book, busca visibilizar a periferia de São João del-Rei-MG, através de perfis de pessoas que vivem nos bairros da cidade. O objetivo é, através de narrativas alternativas e com uso do Jornalismo Literário, contar histórias de personagens e locais da cidade que não têm sido abordados pela mídia convencional.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, São João del-Rei, Periferia.

ABSTRACT

This memorial constitutes the theoretical-methodological basis to the book “Where is São João?”. The book, built with images and texts, in e-book form, looks up to visibilizate the outskirts of São João del-Rei-MG, through profiles of people who live in the neighborhoods of the city. The aim is to, through alternative narratives and using Literary Journalism, tell the stories of carachters and places of the city that have not been approached by conventional media.

Keywords: Literary Journalism, São João del-Rei, Outskirts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 OBJETIVO	08
2.1 Objetivo Geral	08
2.2 Objetivos Específicos	08
3 JUSTIFICATIVA	09
4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS	11
5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E DO PRODUTO	14
5.1 São João del-Rei - um município, muitas cidades	14
5.2 A periferia conta? – periferia e possibilidades midiáticas	15
5.3 Jornalismo Literário: Tornando notícia o invisível	16
6 CONSIDERAÇÕES	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

Cada cidade é um mundo, ou melhor, vários. Vai do inferno ao paraíso, do turístico ao oculto, e não raro com a mesma beleza. E cada cidade é uma nova poesia. Observar uma cidade de cima é vê-la feita em linhas que arranham um caderno, onde um aprendiz tenta escrever um romance. Olhá-la mais de perto e caminhar por estas linhas é tentar ler essa história, seus personagens e seus capítulos.

E, como num caderno, toda cidade tem um meio, um miolo, de onde se abre, para o antes e o depois, as velhas lógicas de esquerda e direita. O centro é mesmo um tanto lógico, é masculino. Calculado, direto, muitas vezes burocrata, feito de cartões-ponto e repartições. De ruas repartidas em caminhos matemáticos e sinalizados.

Já a periferia não é simétrica, nem lógica: é temperamental. Feminina, é romântica e guarda versos em suas curvas e dobras. Deixando de lado a metáfora, a etimologia ensina que “periferia” quer dizer “levar em torno”. Ou: ao limite de um espaço ou objeto, à fronteira - as margens daquele grande caderno escrito. De fato, embora sempre rica de personagens e histórias, ela costuma permanecer mesmo à margem do que é contado, e do que é visível.

Acontece que nas última décadas, a periferia passou a ocupar cada vez mais a cabeça de artistas, sociólogos, e outros estudiosos. Passou a ser contada com mais frequência, ora pela ótica da violência, como pontos de exclamação das consequências do esquecimento pelo poder público, ora pela reação pacífica dos moradores, como suaves reticências a predizer saídas, construídas pela arte, cultura e associação. Em dois extremos, a periferia cresceu, apareceu e pediu para ser escrita.

E também buscou se escrever. Cresceu o número de produções literárias e musicais que vêm - e falam - da periferia, intervenções anônimas pelo grafite, ou organizacionais como os jornais comunitários. Iniciativas que compartilham o espaço discursivo sobre a periferia com o olhar “de fora”, do estrangeiro: o olhar da mídia e do entretenimento, que creditam ora os encargos de vilão, ora o status de mocinho, de forma superficial e estereotipada, à “população” desse “outro mundo”.

São João del-Rei, como toda cidade, também comporta muitos mundos. Cidade histórica mineira, com ar romântico de novela, sempre retratada por suas igrejas barrocas, seus sinos

conversadores e suas ruas e pontes centenárias. Aliás, em uma delas, a Ponte da Cadeia, costuma-se dizer que se você sentar nela nunca mais vai embora.

Mas São João não termina na ponte da Cadeia. São João, com uma população de 84.469 habitantes (IBGE, 2010), completa-se em 8 bairros, oficialmente, divididos em inúmeras outras microrregiões. É história para você sentar e não ir embora nunca mais. Por tudo isso, este livro noticia o anônimo, registrando a beleza do invisível. Caminhando nas linhas quase sempre escondidas é que são encontradas estas narrativas de muitos atores que estão para além das manchetes, nas notícias que não estão no jornal, mas que são contadas e recontadas, na mesa do jantar, por entre as janelas, nos encontros no bairro, ou ainda que ficaram esquecidas nas solidões tão cotidianas.

São narrativas que moram na periferia, em cada lugar onde, não cabendo um cartão-postal, caberia por certo um poema. O registro é da pesquisadora, futura jornalista, mas as histórias são deles. E como a autora que fala não é de São João del-Rei, nem ao menos de Minas, este olhar também é estrangeiro. Mas sempre é possível ajustar as lentes.

2 OBJETIVO

Adirley Queirós, morador da periferia de Brasília é cineasta e realiza produções na qual põe em foco a realidade da periferia, e debate questões de hegemonia cultural. É ele quem afirma: “A última fronteira política é a fronteira da narrativa. Quando a gente a domina, a gente está no início do embate, do diálogo” (QUEIRÓS *apud* CORREA, 2015). Por isso, esta proposta de “contar” esta periferia anônima e tecnicamente invisível de São João del-Rei em um livro-reportagem, em formato e-book, com perfis, fotos, histórias de pessoas comuns que vivem nos bairros da cidade. No livro será apresentada uma narrativa alternativa, usando de recursos do Jornalismo Literário como ferramenta para estender esta “fronteira política” de que fala Adirley.

2.1 Objetivo Geral

Produzir um livro-reportagem de crônicas e imagens que conta histórias de pessoas que vivem em bairros de São João del-Rei e que possam propor narrativas alternativas às da mídia convencional a respeito da periferia da cidade.

2.2 Objetivos Específicos

- Contribuir para a visibilidade das comunidades dos bairros da cidade;
- Colocar em prática conceitos e reflexões desenvolvidos durante o curso quanto ao uso dos recursos do Jornalismo Literário como forma alternativa e aprofundada do fazer jornalístico e de inclusão de relatos alternativos;
- Constituir um pequeno registro visual e textual da periferia de São João del-Rei, em formato e-book, de fácil acesso e potencialmente relevante para as comunidades.

3 JUSTIFICATIVA

A inspiração para este trabalho foi encontrada em diversas publicações e livros que recentemente têm sido reconhecidos e premiados nacionalmente, apresentando narrativas inovadoras, que visibilizam fontes e pautas antes ignoradas, subvertendo normas tradicionais de critérios noticiosos.

Como exemplo há a revista *Piauí*, que inova não apenas na narrativa mas na abordagem das pautas e no tratamento das fontes, de forma humanizada. Jornalistas como Eliane Brum e Vanessa Barbara - vencedoras do Prêmio Jabuti na categoria livro-reportagem em 2007 e 2009, respectivamente -, apresentam um olhar particular sobre a vida de pessoas anônimas ao redor de narrativas cotidianas.

A opção pelo livro-reportagem se deu pelo fato de permitir destacar e aprofundar pautas invisibilizadas. Um exemplo é o livro de Daniela Arbex, *Holocausto Brasileiro*, que desvenda a história de internos nos hospícios da cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Narrativas alternativas, como as que se utilizam do Jornalismo Literário, podem tornar visíveis aquilo e aqueles que estão ausentes do palco midiático.

Já a opção pelo uso de perfis e fotografias foi realizada por ser uma alternativa jornalística que permite maior aprofundamento e liberdade de abordagem e narrativa, além de auxiliarem na realização de um registro sensível das histórias contadas, permitindo uma marca autoral tanto na produção das fotos como textual.

Como afirma a jornalista e cronista Eliane Brum (*apud* BAZZO, 2011, p. 25):

A imprensa apresenta o mundo como uma minoria de visíveis e uma massa de invisíveis. Os visíveis, gente importante, rica, famosa, ainda que seja no crime, vira notícia, ganham espaço, ocupam páginas. Os invisíveis, as pessoas ditas comuns, ganham no máximo uma nota. [...] E somos nós que escrevemos as matérias e também as notas. Somos nós que fazemos o trabalho de reproduzir uma visão de mundo como verdade. Ao determinar quem deve ser visto e quem não deve ser visto ou quais aspectos de uma realidade devem ser vistos e quais devem permanecer às sombras, a mídia, através de nós, reproduz desigualdades, mantém o mundo como ele é.

Desta forma, crendo no sentido político da ação, a intenção é que o livro possa contribuir para a formação de um pequeno registro visual e textual da periferia sanjoanense, acreditando na

função social do ser humano, autor, pesquisador, como mediador de realidades, e no compromisso social da profissão de jornalista que envolve, num último fim, contribuir para a promoção da cidadania.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O livro-reportagem *Onde está São João?* utiliza de crônicas e fotos para contar histórias de pessoas que vivem em bairros de São João del-Rei, partindo do fato de que a mídia sanjoanense, em geral, constitui seu discurso apenas sobre fatos e gente do centro turístico ou comercial da cidade. As crônicas foram escritas utilizando recursos do Jornalismo Literário, uma vez que esse gênero permite uma maior humanização das “fontes” – chamadas mais apropriadamente de “personagens” – e maior liberdade criativa.

O Jornalismo Literário tem se mostrado um gênero de grande importância para aumentar o escopo da informação jornalística e incluir vozes que geralmente não têm destaque, o relato da pessoa comum, fatos vivenciados no cotidiano que não passam pelos critérios de noticiabilidade da imprensa de massa, mas que, sim, são fatos que podem ser registrados pelo relato de não-ficção, compondo a história da comunidade e valorizando relatos que têm sido relegados a um plano subalterno.

Livros-reportagens que vêm sendo premiados nacionalmente versam sobre temas de importância – jornalística –, mas pelo viés dos anônimos envolvidos, como é o caso do *Livro Amarelo do Terminal*, de Vanessa Bárbara. A revista *Piauí*, que utiliza de recursos jornalístico-literários, dá voz às fontes não privilegiadas e humaniza seu relato de modo a construir personagens em vez de meramente “consultar fontes”, em histórias que não são ou não foram bem contadas ou de pessoas que não “podem” falar.

Embora livros ainda tenham um acesso restrito pela população brasileira – em relação a jornais ou à mídia televisiva – esse movimento não deixa de ser uma forma de promover cidadania no processo que coloca o foco na vida de pessoas que não existem para a mídia, e que não existiriam em sua própria comunidade, muitas vezes, por não se verem representadas pelo que se fala delas.

São pessoas que estão na “periferia” da mídia, na periferia das comunidades, na periferia das periferias. Por isso é relevante perceber o Jornalismo Literário como um modo de geração de novos espaços de crítica, reflexão; de integrar às pautas jornalísticas, histórias que não mudarão diretamente os rumos da política nacional, mas que dão a conhecer realidades diversas,

promovem reflexões críticas e ajudam a dar importância aos aspectos sociais que a mídia convencional descarta.

Neste projeto, a periferia da cidade de São João del-Rei ganha destaque. De acordo com a Lei 2.521 de 31/08/1989, o município possui oito bairros: Centro, Senhor dos Montes, Fábricas, Colônia do Marçal, Matosinhos, Jardim Central, Bonfim e Tejuco. No cotidiano, porém, muitas outras localidades são chamadas de “bairros” pelas comunidades. Entre Fábricas e o Senhor dos Montes, por exemplo, cresceram áreas que hoje são chamadas de “bairros” Dom Bosco, São Geraldo e São Dimas. Já no Matosinhos, há os “bairros” Bom Pastor, Santa Terezinha e Pio XII. Na região da Colônia do Marçal há vários novos loteamentos, como Girassol e Nascente do Sol.

Para este trabalho foi utilizado como base de pesquisa a divisão oficial dos oito bairros, mas também foi usada a nomenclatura de “bairros” às suas subdivisões, respeitando o *status* dado no discurso das comunidades visitadas. A proposta foi entrevistar pessoas de cada um destes locais, que apresentavam uma história de ligação com o bairro.

Características peculiares destacadas em cada local serviram de norte para as pesquisas iniciais. Por exemplo: O Tejuco, assim como o Bonfim, são berços de sambistas. O Matosinhos é uma região de fortes tradições culturais, além de representar um setor comercial próprio e independente do centro.

Após travar os contatos iniciais e descobrir os personagens, foram elaboradas as pautas de cada perfil e dos ensaios fotográficos. A proposta foi a realização de 6 perfis, um para cada bairro oficial, excluindo-se o Centro e Jardim Central, já que nosso foco está fora da região central. Elaboramos duas crônicas a mais, uma para o conjunto de bairros Araçá, São Dimas, São Geraldo, Alto das Mercês, Senhor dos Montes e Bela Vista, e outra para encerramento do livro, abordando o tema de forma mais geral.

O livro foi dividido em 2 capítulos:

- 1) Cidades: com breve introdução sobre o tema, abordando a conformação sócio-espacial da cidade e seus bairros;
- 2) Gentes: capítulo principal dedicado aos perfis, em gênero crônica.

Para o primeiro capítulo, a pesquisa foi basicamente documental e bibliográfica, nos temas da formação urbana de São João del-Rei, periferia e mídia. Nesta etapa também foram utilizadas entrevistas com especialistas na área de Comunicação e Geografia.

Para o segundo, e principal capítulo, foram realizadas visitas, entrevistas e produzidas fotos, além da leitura de bibliografia voltada à construção de perfis e narrativas jornalístico-literárias. Realizamos também o acompanhamento de dois jornais locais quanto às notícias veiculadas sobre os bairros da cidade, durante os 6 meses de produção da pesquisa e entrevistas. Foram observadas, neste caso, apenas a existência de matérias que abordaram os bairros, abstendo-nos de análises mais aprofundadas, não por não considerarmos relevante, e sim por ser impraticável neste momento do projeto. No entanto, um aprofundamento sobre a relação da periferia com a mídia em São João del-Rei e a qualidade da cobertura midiática neste segmento podem representar futuros projetos de pesquisa.

Assim, é possível dividir a operacionalização do projeto em:

- 1) Pré-produção: Pesquisa documental e bibliográfica nos eixos temáticos e entrevistas com especialistas; contatos iniciais com as comunidades a serem visitadas; localização das peculiaridades e histórias a serem contadas em cada bairro.
- 2) Produção: visitas aos entrevistados; pauta das entrevistas; realização das entrevistas e produção de imagens; redação de perfis; acompanhamento de dois relevantes jornais impressos locais; seleção e edição do material fotográfico; edição e diagramação do livro.
- 3) Pós-produção: revisão do material.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E DO PRODUTO

5.1 São João del-Rei - um município, muitas cidades

São João del-Rei: município da mesorregião do Campo das Vertentes, na bacia do Rio Grande, às margens do Rio das Mortes. Possui população estimada em 84.469 habitantes (IBGE, 2010), sendo que 79.857 vivem na área urbana. Sua origem data de fins do século XVII, quando nasceu o Arraial Novo do Rio das Mortes, na rota dos bandeirantes paulistas, que empreendiam a expansão territorial do país em busca de metais preciosos. Localizada de forma privilegiada entre o Rio de Janeiro e as demais comarcas da nascente Minas Gerais, teve seu progresso inicial baseado nas minas de ouro encontradas na região (GOMES; AGUIAR, 2013).

Com o enfraquecimento da riqueza aurífica, São João del-Rei viveu épocas de declínio e ascendência, hoje tendo se tornado um centro de referência na região, especialmente por comportar duas instituições federais de ensino – a Universidade Federal de São João del-Rei e o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - Sudeste de Minas. O que ficou do passado e do esplendor do período barroco foi o rico patrimônio artístico e cultural, que traz à cidade milhares de turistas durante todo ano. São João, que faz parte do circuito turístico mineiro conhecido como Estrada Real, teve seu acervo arquitetônico tombado em 1938 pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em virtude do tombamento e consequente impedimento de alteração dos imóveis e complexos do centro histórico, da forte especulação imobiliária em toda área central e do crescimento das universidades, entre outros fatores, São João foi expandindo seus limites urbanos para outras áreas. Algumas periferias do município, surgidas a partir da década de 70, apresentam características semelhantes de formação: “[...] são fruto da espacialização, no ambiente urbano, das desigualdades produzidas pela sociedade capitalista, da ação seletiva ou omissa do Estado e dos mecanismos de atuação do mercado imobiliário” (COTA; DIÓRIO; 2013, p. 08).

Nos anos 80, este processo de expansão das periferias se consolidaria, com um crescimento “segregado e fragmentado” que salientou as desigualdades e os “[...] agrupamentos por extratos socioeconômicos, reforçando o caráter de ‘cidade desigual e descontínua’, onde as

partes não se reconhecem ou se dialogam”, isso de acordo com SPOSITO (*apud* COTA; DIÓRIO, 2013, p. 12).

[...] esse modelo de expansão urbana reforça a já existente segregação do espaço urbano, permitindo-nos identificar claramente três padrões de ocupação na cidade: o da área central (centro histórico protegido pelo patrimônio cultural), o das periferias de classe média e média-alta; e o dos territórios periféricos habitados pela população de baixa renda. (COTA; DIÓRIO, 2013, p. 10-11).

Desta formação fragmentada e da conformação social desigual é que cresce esta São João bastante polarizada. São 8 bairros, oficialmente, e mais outras tantas microrregiões que já são chamadas de bairros convencionalmente, e uma convivência bastante limitada entre estes espaços. Há em São João um centro da cidade, famoso e conservado, atendido pelas políticas públicas e admirado pelos moradores e visitantes; os bairros da classe média, providos de toda infraestrutura para uma existência confortável; e uma vasta periferia esquecida e socialmente distante, ainda que geograficamente não tão longe das áreas centrais.

Tampouco o centro da cidade compõe hoje um espaço de vivência que inclua estas periferias: o centro tornou-se elitista e restrito a um público que pode “consumir” este espaço. Enquanto isso, as periferias buscam – seja através de organizações não-governamentais, seja por associações e grupos culturais – suas próprias soluções para a falta do atendimento de suas demandas mais básicas. Para Andrade et al. (2014, p. 1004), essa conformação desigual, consequência do desenvolvimento da cidade capitalista, revela “[...] condições de poder assimétricas dos distintos grupos sociais para fazer valer seus interesses estruturalmente conflitantes”.

É possível, assim, dizer que os bairros de São João conformam “cidades dentro da cidade”. Cidades que não se comunicam entre si, e tampouco têm voz para comunicar a si mesmas, especialmente com a existência de uma mídia local centro-focada.

5.2 A periferia conta? – periferia e possibilidades midiáticas

Em São João del-Rei temos 2 canais de TV, 5 rádios entre AM e FM, vários jornais impressos, sendo dois – Gazeta e Tribuna Sanjoanense os de maior circulação – e diversos

jornais murais. De acordo com observações empíricas, a mídia local tem, de algum modo, silenciado a periferia sanjoanense, veiculando notícias que retratam o centro e, quando muito, falam de crimes e mortes ocorridos nos bairros.

Esta relação não é prerrogativa de São João del-Rei. O famoso *Guia Afetivo da Periferia*, de Vinícius Faustini, é inaugurado com a afirmação profética de Heloísa Buarque de Holanda: “[...] mais do que a internet, a periferia é a grande novidade do século XXI” (HOLANDA *apud* FAUSTINI, 2009, p. 07). Ainda assim, ela sofre de uma invisibilidade midiática crônica. Muitas vezes, o que se fala dela é de forma estereotipada ou caricatural, abordando aspectos de forma muito específica: ora fala-se da violência – ocultada nas regiões centrais e escancarada quando se trata dos bairros periféricos – ora de sua produção cultural, tratada de forma apartada de todo o resto da produção cultural “central”.

De fato, muitas produções sobre a periferia, ou vindas dela, têm conseguido ganhar espaço no cenário outrora hegemônico das áreas centrais da cidade e da sociedade. Mas o trabalho ainda está no princípio. Em São João del-Rei, a periferia está apagada das narrativas cotidianas, conformando um público sem voz, de sujeitos anônimos que apenas conferem volume às estatísticas.

A maior relevância da inclusão da periferia no discurso midiático pode ser exemplificada na afirmação de Hjarvard (2012, p. 78): “A interação mediada não é nem mais nem menos real do que a interação não-mediada, mas o fato de que a interação mediada ocorre entre indivíduos que não compartilham o mesmo espaço físico, muda as relações entre os participantes”. Assim, a periferia que não aparece na mídia, não “importa” e não “existe” para quem não compartilha desse mesmo *locus*. Ela deixa de existir nas relações da cidade, no espaço público e para as políticas públicas, porque sua representação – ou falta dela – é mediada por um discurso no qual ela simplesmente não “conta”.

5.3 Jornalismo Literário: Tornando notícia o invisível

O Jornalismo Literário como opção de narrativa jornalística vem ganhando cada vez mais adeptos entre estudantes e profissionais de Comunicação. O estilo seduz pela maior liberdade não apenas na construção textual, pelo uso de recursos estilísticos provenientes da Literatura,

mas em todo o processo de construção das matérias, desde a escolha das pautas, às formas de abordagem e aprofundamento dos temas. O jornalista literário busca “contar histórias” e narrar a realidade com a complexidade que ela apresenta: incabível em moldes pré-formatados, usuais na narrativa jornalística convencional.

Pena (2008) utiliza um modelo que chama de “estrela de 7 pontas” para definir as características do estilo: potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper as correntes do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir a perenidade e profundidade aos relatos. Para o autor, “[...] no dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2008, p. 6-7).

Fica clara nesta afirmação a tentativa do Jornalismo Literário de produção de um repertório mais perene, que não se limita a noticiar uma ocorrência, mas busca sua análise e ampliação como fato social. O jornalista literário assume sua posição na narrativa, e sua subjetividade como parte dela, buscando ampliar a notícia para mais do que o simples informar, provocando a reflexão.

Destaca-se a ponta da estrela de Pena que se refere ao exercício da cidadania. Para o autor, ao escolher um tema, o repórter deveria pensar em “[...] como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão” (PENA, 2008, p. 14). Mesmo que esta escolha não seja sempre consciente, por suas próprias características, o Jornalismo Literário acaba por conceder maior espaço ao “humano”: seja porque o repórter usa sua sensibilidade fugindo dos métodos mecanizados do jornalismo convencional, seja porque suas “fontes” são tratadas como “pessoas” ou ainda porque a construção de seu texto busca também atingir “pessoas” e não um generalizado “público leitor”.

Além disso, ocorre a aproximação do Jornalismo com a Literatura que, como Arte, se relaciona à própria subjetividade do ser humano. Valorizando e acostumando o olhar para o lado humano da notícia; o jornalista literário acaba por criar narrativas que promovem a cidadania. Montipo e Farah (2009) defendem que a intenção de um jornalismo mais sensível é “[...] aproximar as pessoas de uma realidade que nem sempre conhecem e por isso não se preocupam”. Assim, muito mais do que produzir textos diferenciados sob o ponto de vista estético, o jornalista

literário toma a tarefa de buscar um olhar diferente, questionador e aprofundado, contribuindo para levar ao espaço público questões que ficam invisibilizadas no olhar pragmático da mídia convencional.

Eliane Brum, jornalista reconhecida com o Prêmio Jabuti de 2007 de melhor livro reportagem, afirma:

Eu conto a história cotidiana, das pessoas, dos homens e das mulheres que constroem o país, mas que em geral não são ouvidos, não têm sua história contada. Eles são a maioria, mas é como se eles não existissem, porque as pessoas que são notícias são outras. Então a minha provocação, com os invisíveis, quando eu digo que sou uma repórter de desacontecimentos, é uma provocação de o que e quem é notícia, pelo jornalismo tradicional (BRUM *apud* BAZZO, 2011, p. 69).

Esse olhar para os temas e para as pessoas “invisíveis” é uma opção muito mais que de estilo, torna-se uma opção pessoal e profissional do jornalista. Uma opção por incorporar a beleza, a sensibilidade e a subjetividade dos relatos cotidianos, e o vigor da informação com crítica, na sua forma de ver, de apurar e de narrar. Busca que será constante, mas válida. A jornalista Elaine Tavares em entrevista ao blog Jornalismo Literário (2015) afirma que a prática jornalística pode levar o “[...] leitor/espectador a pensar, a se desalojar do mundo tal qual ele é – injusto, opressor, excludente”. Nesse sentido, assegura: “O jornalismo pode ser transformador, pode embalar a utopia”.

Embora já proclamada a morte das utopias, ainda são elas que mantêm o trabalho dos sonhadores. Eduardo Galeano, jornalista que narrou com crítica e lirismo a realidade da América Latina, foi um dos que inspiraram este projeto: “Escrevemos a partir de uma tentativa de encontro – para que o leitor comungue com as palavras que nos vieram dele, e que a ele regressem como impulso e profecia” (GAELANO *apud* DEMENECK, s/d, p. 02). Então, que o trabalho jornalístico seja uma tentativa simples e sincera de impulso, vinda de e feita para estes anônimos heróis do cotidiano, com quem se deseja comungar, muito mais que palavras, também profecias e esperanças.

6 CONSIDERAÇÕES

Neste projeto, por alguns meses, a cidade foi percorrida a fim de vê-la melhor. Participando das inscrições e dos movimentos nas ruas, e ouvindo os relatos de gente comum, gente que nunca teve seu nome estampado nas páginas de um jornal, a estudante reescreveu alguns pequenos fragmentos da história e de perspectivas. Foi possível ter uma noção mais humana da cidade e de seus problemas, e de nosso lugar nela. Através destes percursos foram feitos rascunhos do traçado de alguns mapas, originados dos afetos dos moradores. Foram contados trechos da história da cidade através de fragmentos da memória de seus personagens. A escolha foi ver a cidade através da ótica sentimental de alguns de seus cidadãos.

Após meses de pesquisa e de passeios pelos cantos da cidade, a futura jornalista se afastou do centro nas duas direções – esquerda e direita, compreendendo cada vez mais as configurações de uma São João del-Rei fragmentada e desigual. Apontando as lacunas que são deixadas na história contada pela mídia, que desenha a periferia sem usar de suas próprias tintas. Dos anônimos e reais personagens (in)comuns que pulsam e se esbarram nos encontros das ruas, que falaram de pontos de crítica ou nostalgia, queixas e desejos – a cidade foi mostrando vida, carne, osso, pele de asfalto e de sonhos.

Este é um projeto que pretende ser um primeiro passo, inicial. Há a necessidade de refletir sobre nosso *espaço* e nosso lugar de *habitantes*. Há a necessidade de refletir sobre nosso papel de comunicadores em um Jornalismo, por vocação, militante. Uma militância que trabalha na resistência e na visibilização de pautas ocultadas, contra a perpetuação de exclusões e preconceitos, e que tem seu horizonte no respeito e na liberdade dos cidadãos. No caminho, os cidadãos da periferia.

Espera-se que mais pesquisas sejam iniciadas e que mais projetos passem a dar conta de olhar para estes outros lados da cidade, em que os habitantes têm vivido dispersos e esquecidos. Há a necessidade de trabalhos interdisciplinares, que atuem no sentido da compreensão dos discursos que se produzem sobre e desde a periferia, e da interação no âmbito comunitário - do incentivo à tomada de consciência à posta em prática de ações conjuntas universidade-sociedade, que proporcionem melhora real nas condições de vida dessas populações.

Na cidade em que os sinos conversam, é preciso que a periferia também badale, também comunique. Que as pessoas que vivem nela possam ver, retratados nos discursos do Jornalismo e nas ações do poder público, os aspectos específicos de sua realidade. Uma realidade, como qualquer outra, complexa, sem espaço para bandidos e mocinhos de tramas novelescas. Desta forma, se poderá buscar um maior equilíbrio social, retirando a periferia cada vez mais de seu status de “não-cidade”.

Espera-se que este curto percurso por São João se some a outras reflexões e análises sobre o tema. Nos próximos passos, na função de Comunicador Social, Jornalista, é com o aprendizado destas caminhadas que se buscará permanecer de olhos abertos para os trajetos cotidianos pelos quais os habitantes forjam sem cessar o espaço da cidade. Buscar manter o olhar - treinado ou indisciplinado?- que mira na novidade óbvia e oculta das singelezas do dia-a-dia, em que se pode ouvir a voz dos que não são ouvidos, e em que é se tenta visualizar aquilo que não parece ser visto.

À cidade que registrou os passos da futura jornalista e tanto lhe ensinou, ela deixa um registro do que viu. Suas pegadas estão por seu espaço. Passa também a ser parte dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rafael Begname et al. Análise crítica do atual processo de expansão urbana em São João a partir do bairro colônia do Marçal. **I Simpósio Mineiro de Geografia**. Universidade Federal de Alfenas-MG. 26 a 30 de maio de 2014. Disponível em <<http://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Rafael%20Begname%20Andrade.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BÁRBARA, Vanessa. **O Livro Amarelo do Terminal**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos Invisíveis**: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121120/299441.pdf?sequence=1&isAlloved=y>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CORREA, Fábio. Contando com as narrativas. **Jornal O Tempo**. 26/03/2015. Disponível em <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/contando-com-as-narrativas-1.1014854>> Acesso em 21 abr. 2015.

COTA, Daniela Abritta; DIÓRIO, Ana Carolina Dias. Dispersão e fragmentação socioespaciais em São João del-Rei, MG: Considerações parciais. **Anais Encontros Nacionais Anpur**. V. 15, 2013. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4134/4021>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

DEMENECK, Ben-Hur. Folkcomunicação e jornalismo literário: uma relação que promove um pensar e um agir jornalístico humanista. **Encipecom**, s/d. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/cb/GT1_03_BenhurDomeneck.pdf>. Acesso em: 22 maio 2015.

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia Afetivo da Periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC; Annablume, 1997.

GOMES, Luciano Campos; AGUIAR, Ligia Maria Brochado. Notas sobre a formação territorial do município de São João del-Rei e o reordenamento espacial a partir do processo de modernização agrícola. **Territorium Terram**. V. 01, Nº 02, Abr./Set. - 2013/2014, p. 37-51. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terram/article/viewFile/326/416>. Acesso em: 14 abr. 2015.

HJARVARD, Stig. Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**. V. 5, N. 2 (2012). Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338/pdf>>. Acesso em 15 abr. 2015.

IBGE. Minas Gerais. São João del-Rei. Infográficos: Dados Gerais do Município. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=316250&search=%7Csao-joao-del-rei>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

INSTITUTO HUMANISTA UNISINOS. “Um aluno de jornalismo deveria ter uma sólida formação humanística, política e econômica”. **Jornalismo Literário**. 05/05/2015. Disponível em: <<https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/2015/05/05/a-formacao-teorica-do-jornalista-entrevista-co-elaine-tavares>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

MONTIPO, Criselli; FARAH, Ângela. Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador. **V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. 2009. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2009/74%20relato%20montipo%20farah%20OK.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.